



UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo () Relato de Experiência () Relato de Caso

J. R. R. Tolkien e o reforço do belo como bom em Da chegada dos elfos e do cativoiro de Melkor.

AUTOR PRINCIPAL: Alexandre Lunardi Testa

CO-AUTORES:

ORIENTADOR: Dr. Luís Francisco Fianco Dias

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO

A literatura tem um enorme potencial de registrar marcas históricas e filosóficas que percorrem o tempo. É diante dessa perspectiva, aliada com um projeto de elocubração das constituições fundamentais da estética filosófica que sustenta-se o trabalho pretendido.

Partindo de uma revisão bibliográfica fundamentada tanto na literatura quanto na filosofia é que se pretende abordar a tese de que J. R. R. Tolkien sustenta uma visão promulgada desde a antiguidade acerca da constituição moral de uma perspectiva estética; em síntese, de um vínculo entre o Belo e o Bom.

Essa concepção moral parte já do período helenístico, relacionando-se com a verdade, a bondade e a justiça (SARTWELL, 2012) e indo até a sua contestação moderna com a fundação da estética como área específica de estudo, para contrapor os ditames racionalistas que regiam essa concepção de apreensão do mundo (SHELLEY, 2013). Isso tudo reverberará, de alguma forma, em aspectos literários na fantasia de Tolkien, contemporaneamente.

DESENVOLVIMENTO:



UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



A história carrega consigo aspectos que nos ajudam a compreender o ambiente presente. Isso vale categoricamente para a concepção estética que acaba relacionado o conceito de belo com o conceito de bom. Essa não é uma condição estritamente nova, segundo Aersten (2008) em seu artigo intitulado A tríade “Verdadeiro-Bom-Belo”: O lugar da beleza na idade média. O novo é apenas a aceção da tríade, que se dá a partir da disciplina estética, que nasce na modernidade.

Essa tríade advém de uma concepção clássica, que pode ser encontrada ainda nos filósofos clássicos, como em Platão, no diálogo O Banquete, passando o período medieval e sustentando-se enquanto tese basilar na disciplina de estética filosófica que surge com Baumgarten na modernidade. O belo tem uma referência clara com as virtudes. Isso sintetiza parte do pensamento platônico de que a beleza não está ligada com fatores estéticos em primazia, mas sim com uma conceituação ética. O belo é o bom moral, a virtude, a verdade.

A partir da modernidade a questão do gosto assume um caráter especial na análise da beleza, portanto do que é bom, e verdadeiro. O caráter particular oferecido pelo surgimento da disciplina permite a fundamentação da noção de juízo enquanto uma espécie de formação particular do gosto, relativa a sensibilidade. Essa concepção antecedente ao período moderno não assume um caráter sensível, por isso não pode relacionar-se com os juízos, de modo que a beleza é uma concepção apriorística no período antigo e medieval. Contudo, o belo continua relacionando-se com um juízo de alcunha moral a partir de sua relação com a verdade, no caso explícito, a verdade matemática.

A contemporaneidade assume perspectivas acerca da própria noção de estética, e isso se relativiza em consonância com o belo também. Entretanto, ainda é possível observar relações contumazes em função dessa concepção clássica de beleza. Isso ocorre na literatura fantástica de Tolkien em vários trechos da obra, isso decorre, especialmente, de sua condição mitológica, que inevitavelmente acaba carregando preceitos clássicos consigo.

Uma condição explícita em que isso aparece na obra é apresentado por Tolkien (2015, p. 48) no trecho:

"No início, os Primogênitos de Ilúvatar eram mais fortes e imponentes do que se tornaram desde então; mas não eram mais belos; pois, embora a beleza dos quendi nos dias de juventude superasse qualquer outra que Ilúvatar tenha feito surgir, ela não pereceu, mas vive no oeste, e a tristeza e a sabedoria enriqueceram. E Oromë amou os quendi e os chamou em sua própria língua de eldar, o povo das estrelas. "



UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



Tal definição aproxima-se da concepção clássica de beleza; as virtudes relacionadas a beleza dos elfos contextualizam a sua chegada; a tristeza e a sabedoria convergindo para a perspectiva de elucidação moral e garantindo esse aspecto virtuoso. Além disso, a beleza é uma condição da raça, uma condição intrínseca ao ser virtuoso que supera as demais espécies que que habitam a Terra-média.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O objetivo, aqui, foi de informar acerca de um pequeno espaço da obra de Tolkien em relação a análise filosófico-estética. Esse pequeno trecho expõe muito pouco do que pode ser muito mais aprofundado. É suposto que não há só em um capítulo uma síntese de uma obra; há a possibilidade de se falar em uma conceituação do belo como bom em inúmeros pontos, desde o trabalho máximo do autor até a relação da sabedoria e a beleza dos elfos de Valfenda, assuntos estes que ficarão para futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS

- AERSTEN, J. A tríade “verdadeiro-bom-belo”: o lugar da beleza na idade média. Rio de Janeiro: Viso: Cadernos de estética aplicada, v. II, n. 4, Jan-jun 2008, p. 1-19.
- SARTWELL, C. Beauty. Londres: The Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2016. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/beauty/>>. Acesso em: 25/10/2016.
- SHELLEY, J., The Concept of the Aesthetic. London: The Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2015, disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2015/entries/aesthetic-concept/>>. Acesso em: 25/10/2016.
- TOLKIEN, J. R. R. O Silmarillion. Tradução de Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 460 p., 2015.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):

ANEXOS



UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS

2 A 6 DE SETEMBRO/2019

